

UM ESTUDO A PARTIR DA MÚSICA “TRISTE, LOUCA OU MÁ”: Os diferen- tes momentos vividos pela sociedade acerca da sexualidade da mulher

Aline Medeiros de Oliveira da Silva¹; Fernanda Lima Alves dos Reis¹; André Masao Peres Tokuda^{2*}

¹ Graduanda em Psicologia, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FILT/AEMS; ² Doutor em Psicologia – UNESP, docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FILT/AEMS

* autor correspondente: andremasao@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo a apresentação dos diferentes cenários vividos pela sociedade acerca da sexualidade da mulher, tendo como pano de fundo a música “Triste, Louca ou Má”, da banda Francisco, El Hombre. Dessa forma, utilizamos como material de apoio e ponto de partida, a obra História da sexualidade I: A vontade de saber de Michel Foucault, transitando pelas contribuições de Gayle Rubin e encerrando com uma sintetização de estudos sobre a sexualidade da mulher contemporânea. Para a realização do presente artigo, recorreremos à pesquisa bibliográfica de artigos científicos e livros.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; sexualidade; mulher; Foucault; Rubin; sociedade; feminismo.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o significado da palavra “gênero”, a partir da compreensão gramatical, corresponde à distinção de sexo dos sujeitos, como feminino e masculino, porém, a partir da literatura feminista, seu significado tem tomado novos caminhos, nos quais considera-se a cultura de forma mais significativa, atribui-se ao contexto social e não ao biológico a maior atenção (ARAÚJO, 2005). Para mais, o termo “gênero” pode corresponder, também, à uma identidade construída socialmente que objetiva determinar quais os papéis apropriados para os homens e as mulheres (SCOTT, 1995 apud

ARAÚJO, 2005).

Ao darmos continuidade à essa busca pelos significados dos termos utilizados neste trabalho, pudemos perceber que o termo “sexualidade”, a partir do Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2017, p. 496), corresponde à um “[...] conjunto das funções físicas e psíquicas do sexo”. Entretanto, se investigarmos na literatura, poderemos perceber que a representação do termo “sexualidade” vai além. À exemplo Foucault (1988), em seus estudos sobre a sexualidade afirmou que devido ao desenvolvimento da burguesia, essa passou a ser utilizada como um dispositivo de controle e detenção de poder sobre os corpos, saindo da

ideia simplista de função biológica.

Portanto, considerando os estudos sobre a sexualidade e sobre a opressão à mulher no presente artigo, utilizaremos como pano de fundo a música “Triste, Louca ou Má” da banda Fransico, El Hombre (2016), que faz uma reflexão sobre os momentos vividos pela mulher na sociedade acerca de sua sexualidade e levanta questões importantes em relação ao feminismo em nossa sociedade contemporânea, pela forma como ocorrem os enquadramentos sociais colocados perante a mulher. Dessa forma, o objetivo geral do presente estudo visa contemplar como a sexualidade atravessava a vida da mulher na antiga sociedade e como pode atravessar na vida contemporânea, a partir de revisão bibliográfica de artigos científicos e livros.

2 A SEXUALIDADE A PARTIR DE FOUCAULT

A Era Vitoriana na Inglaterra foi responsável por momentos muito importantes a respeito da história da sexualidade. Neste período, o desenvolvimento industrial e econômico atingiu um nível significativo, fazendo com que a burguesia entrasse em ascensão. Esse feito teve influência na formulação de novos valores morais, construindo o que Foucault (1988) chamou de “Brasão Vitoriano” sobre a sexualidade.

Foucault (1988), em seus estudos, afirmou que a liberdade sobre os corpos durou até o século XVII, sendo, então, a partir do século XIX o encerramento da sexualidade na família, devido ao Brasão Vitoriano, apontando e definindo o sexo somente como um meio reprodutor. Além disso, foi considerado, naquela época, um problema a família que optasse por não ter filhos e tudo aquilo que fugisse dessa ideia, era visto como “anormal”.

A sexualidade, então, passa a ser reprimida devido aos jogos de poder-saber e falar sobre ela e sobre sexo não era

permitido, era contra as regras. Com isso, a repressão da sexualidade foi se naturalizando ao ponto de que falar sobre se tornou estranho, sendo, isto, permitido somente àqueles que detinham o poder, como padre, médico e etc. Porém, após este período, o sexo passou a ser pauta importante em interesses políticos e econômicos, como nascimentos ilegítimos, idade do casamento, práticas contraceptivas, taxa de natalidade e etc. Tais interesses influenciaram na forma como o sexo era percebido e entendido, falar sobre deixou de ser proibido para que, em discurso, ele pudesse ser questionado e capturado (FOUCAULT, 1988).

Entretanto, o sexo não poderia ser discutido pela sociedade em geral, somente aqueles que “detinham” poder-saber poderiam ouvir e falar sobre, como o educador(a), padre, psiquiatra, psicanalista etc. Tal permissão foi dada somente àqueles que sustentavam um saber, pois conseguiriam controlar a sexualidade do outro, aquela que escapa, com isso gozavam de uma saber-poder sobre o outro. Uma vez que não seria possível eliminar os desejos e prazeres, tentaram, então, proibi-los. Ou seja, não se poderia eliminar o desejo, mas poderia permitir ou não a ação a partir daquele desejo (FOUCAULT, 1988).

Foucault (1988), afirmou, em seus estudos, que a tentativa de proibir o desejo, era falha, pois o desejo sempre escapa, o prazer sempre terá uma forma de escapar do poder, nunca será proibido de forma completa. À exemplo, a relação entre pessoas do mesmo sexo: não se pode e, muito menos, se consegue proibir o desejo entre duas pessoas do mesmo sexo de se relacionarem, mas se pode proibir o casamento entre elas. Ou seja, mesmo que o poder seja falho, ele tenta achar meios para barrar os desejos, prazeres e práticas sexuais que vão contra as regras instituídas, produzidas socialmente.

Passa a existir o ciclo da interdição,

que seria uma forma de controle sobre onde e quando os desejos poderiam existir, ou seja, podem existir desde que sejam escondidos, que não sejam vistos ou presenciados, do contrário, em ambiente aberto seriam punidos. Essa ideia foi imposta pois acreditava-se que na tentativa de esconder a sua existência o desejo, de fato, seria inexistente. Ele não estando em discurso, não pode existir, não será desejado. O sexo estava em todos os lugares e o poder sobre ele poderia ser exercido da mesma forma. Portanto, o poder estava em todos os lugares, esferas, ambientes e afins, onde se apoiava em várias ideias, transitando pelas desigualdades nas relações e em sua capacidade de ser móvel (FOUCAULT, 1988).

Foucault (1988) criou o dispositivo de sexualidade para definir uma forma de atuação do poder-saber, que tem como finalidade o controle sobre os corpos. No entanto a sexualidade, os desejos e os prazeres não podem ser cristalizados, impedidos ou barrados, por isso são criados dispositivos de sexualidade para tentar frear, “organizar” e gestar a vida. Nesse sentido a mulher e a criança passam a ser alvos de normas de poder, criam-se quatro dispositivos de sexualidade como forma de controle, dentre eles, a histerização do corpo da mulher, para dominação do corpo e da sexualidade feminina. Naquela época, a mulher cheia de sexualidade era entendida como a que não contribui para a sociedade e reservada apenas para o trabalho doméstico, construindo, acerca dessa ideia, uma patologização de seu corpo. Além de precisar ser do lar e fazê-lo funcionar, a mulher foi definida como aquela que gere a sociedade, responsável pelo cuidado de seus filhos e suas filhas, assim, responsável pela nova geração, pela manutenção da sociedade e suas regras, como exemplo, ser responsável pela educação das crianças; e transformada e reduzida ao papel de mãe. Ou seja, a ideia de histerização do corpo da

mulher buscava nada mais que esvaziar a sua sexualidade, seus desejos e prazeres (FOUCAULT, 1988).

A partir dessa ideia das representações sociais que foram impostas sobre a figura feminina, pode-se dizer que o patriarcado, criado no período colonial, teve um grande efeito no modo como a figura feminina era reconhecida e tratada. O homem conseguia ter controle sobre a mulher, uma espécie de proprietário, quem estabelecia suas funções e papéis. A figura masculina era responsável pelo sustento da família através do trabalho e a mulher era responsável por cuidar do lar, reproduzir, organizar as atividades dos escravos, prestar serviços sexuais ao seu companheiro e por educar os filhos (BORIS; CESÍDIO, 2007). A mulher ocupava sempre a função de obedecer, o que cabia a ela fazer a partir do que se entendia por certo e o que não cabia a partir do que se entendia por errado, como também a necessidade de conter a si mesma. Tais acepções independiam das diferenças sociais, a mulher precisava sempre agradar (FISCHER, 2001 apud BORIS; CESÍDIO, 2007).

Diante, ainda, das representações sociais que permeiam a figura feminina, temos a transformação da mulher em mãe, que se deu como um ideal máximo para a figura feminina, como o momento de plenitude e feminilidade, transitando por movimentos de renúncia de prazeres. A maternidade foi entendida como única forma de prestígio ou valor social que uma mulher poderia ter (BORSA; FEIL, 2008). Entretanto, a ideia criada acerca da maternidade foi construída de maneira social e cultural, não partindo de princípios sanguíneos, instintivos ou algo que era determinado pela natureza (BADINTER, 1985 apud BORSA; FEIL, 2008).

A transformação da mulher em mãe está relacionada como forma de tentar barrar o poder e a autonomia da figura feminina, partindo da ideia de que

se não for mãe, irá no caminho contrário daquilo que é “naturalmente” determinado que ela seja. A maternidade não é uma necessidade ou uma condição de felicidade para a figura feminina, uma mulher sem filhos consegue gozar de uma vida plena e feliz. Assim, percebe-se que a ideia de que o afeto materno é um evento natural e instintivo da figura feminina é somente uma acepção criada a partir do gênero (BADINTER, 1985 apud BORSA; FEIL, 2008).

Partindo dessas diferenças criadas a partir do gênero, nota-se que desde a infância, como cita Carvalho (2015), a mulher é ensinada a exercer um papel diferente do homem. Enquanto o homem é ensinado a ser agressivo e viril, a mulher é ensinada a ser sensível, bonita e delicada. As questões de gênero estão presentes até mesmo nos brinquedos, para o homem: videogames e armas. Para a mulher: utensílios domésticos e bonecas. Essa generificação dos brinquedos se dá fortemente no sistema capitalista, como apontou Rubin (1993), segundo a autora existem algumas necessidades importantes para a reprodução da força de trabalho, como as necessidades básicas – moradia, alimento, roupa e etc.–, mas para que o homem possa satisfazer essas necessidades, precisa-se que o alimento seja preparado, a casa organizada, a roupa lavada e assim por diante. Portanto, é necessário usar de uma outra forma de trabalho que, neste caso, é denominado como doméstico, daí, então, a inserção da mulher no mundo capitalista, uma vez que o trabalho doméstico, mesmo que não remunerado – o que contribui ainda mais para o sistema de mais-valia –, é uma forma de reprodução de força de trabalho.

O que o operário necessita para reproduzir depende daquilo que faça parte da sua realidade/cultura e que foi construído durante a história. Para Marx (1988 apud RUBIN, 1993) a força de trabalho, em sua determinação, então,

carrega uma questão histórica e moral. É, pois, nesse momento, a partir de tal questão histórica e moral, que a mulher é definida como parte das necessidades da classe operária; como responsável única pelo trabalho doméstico; e que o capitalismo é colocado como protagonista de uma história repetitiva onde a mulher não participa, não ocupa lugar de líder e não se remete a deus. Foi a partir dessa questão histórica e moral que o capitalismo tomou para si conceitos, culturalmente construídos, sobre formas de feminilidade e masculinidade. As esferas sexuais, assim como a sua opressão, estão presentes nesta questão histórica e moral dita por Marx (RUBIN, 1993).

Além dessas diferenciações ordenadas pelo gênero, a mulher enfrenta questões, também, na forma como o seu corpo é percebido. Berger (1980 apud CARVALHO, 2015) afirma que o corpo feminino, por meio das mídias e artes visuais, foi contemplado como objeto de desejo e prazer do homem. Ainda nos dias atuais, o corpo da mulher segue sendo reduzido a objeto de prazer e desejo da figura masculina, isso se dá muito por conta de como as mídias retratam a mulher e o seu corpo, como no caso de propagandas onde a representação do corpo feminino é destinada somente para a obtenção de prazer do gênero masculino (CARVALHO, 2015). Segundo Bourdieu (2005 apud CARVALHO, 2015), é instruído desde cedo a ideia de que o corpo da mulher carrega um papel de inferioridade na sociedade e por isso tem a obrigação de satisfazer os desejos do homem, por esta razão que a mulher não atribui tais instruções a algo errado e acabam disseminando estas mesmas ideias.

Entretanto, este cenário tem mudado cada vez mais nos tempos atuais. O movimento tem sido de quebra dos padrões colocados perante a mulher e seu corpo, assim como o rompimento com comportamentos de submissão à figura masculina (CARVALHO, 2015). À

exemplo, o direito de voto conquistado pela mulher a partir de movimentos de reivindicações que a figura feminina protagonizou no século XIX, onde o ocorrido foi nomeado por “sufragismo” (LOURO, 1998 apud CARVALHO, 2015). Em busca de um discurso mais crítico sobre os ideais de corpos femininos, subjetividade e comportamentos construídos socialmente existe uma luta protagonizada pelo desejo da conservação da singularidade do corpo de cada mulher e contra os padrões impostos sobre elas (BORIS; CESÍDIO, 2007).

2.1 A opressão às mulheres

Após discutirmos sobre as teorias de Foucault (1988) e o processo histórico-social que a sexualidade passou, nesse momento passamos a especificar essas tecnologias de controle sobre os corpos das mulheres a partir da teórica Gayle Rubin (1993) em seu estudo intitulado “O tráfico de mulheres: Notas sobre a ‘Economia Política’ do Sexo”, a qual traz, de início, a ideia de que os significados ou as transformações das coisas são determinadas através das relações que se estabelecem acerca delas. Como exemplo, a transformação da sexualidade em um meio de poder e controle sobre os corpos se deu devido à relação que se estabeleceu acerca dela. Como sendo onipresente e aquilo que escorre das mãos, a sexualidade se tornou um alvo fácil e importante para controle (FOUCAULT, 1988). A autora conta um pouco sobre as relações que se criaram acerca da mulher e que a transformou em figura oprimida (RUBIN, 1993). Como modelo de opressão à mulher, Foucault (1988) aponta a histerização do corpo feminino e os ideais que se criaram sobre a sua sexualidade, ceifando seus desejos e prazeres através de movimentos de renúncias. A mulher assume lugares de inferioridade e de grandes responsabilidades na sociedade.

Rubin (1993), ao abordar a construção de padrões ditos femininos, tece

críticas aos estudos de Sigmund Freud e Claude Lévi-Strauss por terem alimentado o movimento de domesticação da mulher – que surgiu quando a figura feminina foi encarada como objeto a ser moldado –, mesmo sem que eles tivessem tal entendimento sobre seus próprios escritos, mas que serviu de margem para críticas sob uma ótica feminista.

Segundo Boris e Cesídio (2007), o sistema capitalista defende a ideia de controle do corpo e da sexualidade, pois, assim, o operário se torna dócil e passível de submissão ao que o sistema capitalista impõe. Dessa forma, o corpo se transformou em um veículo para a produção industrial, resultando em uma submissão ao sistema. Ao citar Marx e suas contribuições na compreensão do sistema de opressão de classe, Rubin (1993) identifica que a opressão às mulheres não pode ser explicada a partir só do capitalismo e tenta desmistificar esse pensamento.

O capitalismo só serviu de retomada de uma sociedade guiada pelo sexismo e fez conceitos sexistas se movimentarem. Tal sistema capitalista e seu modo de reprodução da força de trabalho não explica práticas violentas, de opressão, fetichista, dentre outras, que acompanharam as mulheres durante muito tempo e em inúmeros lugares. E, muito menos, consegue explicar a razão de ser a figura feminina a responsável pelo trabalho doméstico (RUBIN, 1993). O feminismo como uma pauta multicultural busca questionar tanto ideologias machistas onde a figura masculina tem papel de superioridade sobre a figura feminina na sociedade, como o capitalismo sobre os demais sistemas sociais que “[...] tentam justificar os privilégios das classes ou dos estratos dominantes.” (KELLNER, 2001 apud BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 459).

Nos estudos sobre a opressão das mulheres, Rubin (1993) citou o sistema de parentesco como uma das causas.

Ao passo que se investiga o sistema sexo/gênero, o sistema de parentesco se torna ferramenta considerável para uma melhor compreensão da opressão sofrida pela mulher. Porém, o que se entende por parentesco não está relacionado com grupos de pessoas que se assemelham de forma biológica, mas como um sistema de status e categorias que nada tem a ver com relações genéticas reais em muitas das vezes. Ainda, em sociedades não organizadas pelo Estado, o parentesco acaba por se tornar um responsável pela interação social, onde se envolve com a organização de interesses econômicos, cerimoniais, sexuais e políticos.

Dessa forma, tudo na sociedade é gerido pela presença ou pela falta do parentesco recíproco, como os privilégios, os deveres, as responsabilidades, a troca de serviços e bens, a produção e a distribuição, ou seja, tudo gira em torno do sistema de parentesco. Entretanto, por um longo período, os sistemas de parentesco foram centros de várias controvérsias, podendo, ainda, serem entendidos e introduzidos em uma cultura de formas diversas. Sua complexidade interna é de nível muito elevado (RUBIN, 1993).

Dentro do sistema de parentesco ocorre a troca de presentes. As trocas eram sempre muito diversas, partindo de uma troca de alimentos até uma troca de poderes. Esse gesto do presente trocado expressava, reafirmava ou criava um laço entre aqueles envolvidos na troca, onde se desenvolvia uma confiança, solidariedade e ajuda entre as partes. A troca de presentes poderia ser muito bem entendida como uma construção de uma relação positiva, mas, também, como uma construção de uma relação desigual. Assim, o casamento foi considerado, também, como uma forma de troca, onde a mulher era o presente mais valioso. O tabu do incesto serviu, naquele momento, como uma maneira de fazer com que a troca ocorresse entre

famílias e grupos. Ele foi colocado não como uma forma de proibição de casamento entre pessoas de uma mesma família, mas como uma forma de se criar alianças e relações sociais (RUBIN, 1993).

Portanto, a consequência gerada em uma troca de presentes protagonizada pela figura feminina foi muito mais significativa do que qualquer outra troca de qualquer outra coisa, pois as relações estabelecidas a partir desse acontecimento deixaram de ser apenas de reciprocidade e passaram a ser, também, de parentesco. Os envolvidos na troca faziam parte de um parentesco por afinidade e sua procriação criaria um parentesco sanguíneo. Ou seja, o sistema de parentesco era uma organização que gerava poder (RUBIN, 1993).

Dessa forma, essa troca era organizada por homens, uma vez que eram as mulheres os objetos de troca. A figura masculina conseguia desenvolver relações através da troca da mulher, onde ela era somente um instrumento dessa forma de se comunicar. E o poder que permeava esse movimento de troca, nada tinha a ver, não era direcionado à figura feminina, mas sim àqueles que intermediavam a troca: o homem. Pois, os homens e não as mulheres quem criavam uma parceria a partir dessa troca. As mulheres não conseguiam, nem mesmo, se darem conta de que assumiam o papel de objeto para os envolvidos da troca e até mesmo na troca. Então, essa relação masculina estabelecida por meio da troca de mulheres é uma forma de organização social, uma vez que a figura masculina quem se beneficia do produto dessa troca (RUBIN, 1993).

No tocante a objetificação feminina podemos citar o dispositivo de sexualidade como um interlocutor da relação mulher/objeto, uma vez que para Foucault (1988) com a histerização do corpo da mulher as funções direcionadas e ocupadas por ela são sempre moldadas

pela inferioridade em relação ao homem. O livre arbítrio, a possibilidade de escolha e o direito de se impor contra as regras à mulher é negado. A repressão de sua sexualidade busca torná-la naquilo que já lhe era “predestinado” e nada além disso.

O sistema de parentesco a partir da troca da figura feminina acaba, então, sendo um movimento sedutor e poderoso, além de enxergar a opressão às mulheres não na biologia, mas dentro de sistemas sociais. Ele, ainda, aponta para uma busca sobre a causa da opressão às mulheres não no comércio de mercadorias, mas no comércio da própria mulher. As mulheres são trocadas, dadas ou negociadas em diversos momentos e épocas da sociedade (RUBIN, 1993). Essa troca de presentes simboliza a transformação final da mulher em objeto de posse dos homens, pai, irmão e marido.

À exemplo dessa objetificação, cabe citar a forma como a mulher é apresentada em propagandas de cerveja no Brasil, sempre através de padrões de corpo e beleza, em que o público-alvo é a figura masculina e o objetivo é a satisfação de seus desejos (JUNQUEIRA, 2009 apud CARVALHO, 2015). Grande parte dessas propagandas apresentam a mulher como garçonetes ou à espera de seus maridos em casa, firmando um papel de subordinação à figura feminina (CARVALHO, 2015).

Assim, a vivência da mulher contemporânea acaba por se encontrar, durante seu percurso, com o discurso hegemônico do homem. Portanto, a busca por discursos que divergem dessa ideia construída por uma crença heteronormativa se torna essencial na abordagem de questões referentes às desigualdades e diferenças de gênero que, muitas vezes, passam despercebidas e contribuem para a cristalização da identidade feminina ao papel de mãe e esposa. Esse pensamento criado acerca da identidade feminina precisa se desconstruir por meio

de questionamentos sobre sua globalidade, sua fixidez e sobre a ideia de corpo como campo material e biológico exato da identidade (GONÇALVES, 2014). A autora aponta que, mesmo lidando com diversas críticas em seu itinerário, a causa feminista busca atualmente expressar que:

[...] em tempos que ser mulher não é mais exclusivamente definido pela materialidade da biologia, o corpo feminino ainda é onde se manifesta tanto a opressão quanto a resistência a ela [...] e, insiste em nos fazer ver que é necessário lembrar que o seu corpo é o seu território, sobre o qual nem o Estado e nem as igrejas devem ter ingerência. (BONETTI, 2012, p. 43 apud GONÇALVES, 2014, p. 37).

Cabe enfatizar novamente que os direitos conquistados pela mulher durante a história foram através de muito sofrimento por um longo período, até mesmo o direito ao papel de cidadã numa junção de atividade e consciência. Porém, os acontecimentos em prol do movimento feminista nas grandes partes do território mundial atualmente apontam para os diversos direitos que ainda não foram conquistados. O levantamento dessas bandeiras projeta a evidência de que há muito o que ser mudado, até mesmo “[...] na própria constituição da ideologia política feminista e nas suas formas de resistência.” (GONÇALVES, 2014, p. 38). É preciso que haja modificações na essência do movimento feminista para entender a recorrência histórica das violações sofridas pela mulher e pelo movimento (GONÇALVES, 2014).

3 DISCUSSÃO

Como já citado no presente artigo, escolhemos como pano de fundo a música “Triste, Louca ou Má” da banda Francisco, El Hombre (2016). A canção, interpretada pela cantora e compositora

Juliana Strassacapa, aborda questões sobre o feminismo na sociedade contemporânea em relação aos padrões socialmente e historicamente estabelecidos sobre a mulher.

Dessa forma, podemos associar alguns trechos dessa música com os estudos de Foucault (1988) e Rubin (1993) apresentados até aqui. Como exemplo, no trecho “Triste, louca ou má / Será qualificada / Ela quem recusar / Seguir receita tal / A receita cultural / Do marido, da família / Cuida, cuida da rotina”, podemos associar a fala de Foucault (1988) de que a partir do século XVII as mulheres foram transformadas em mães, nada além disso, o que também vai de encontro com a fala de Rubin (1993) que para o sistema de parentesco o importante é que a mulher seja passiva e aceite o casamento que lhe foi organizado. Além disso o termo “triste, louca ou má” é uma tradução de um termo originado e muito utilizado nos EUA “*sad, mad or bad*” ao fazer referência de forma depreciativa às mulheres que, por escolha própria, escolhem viver só (FREITAS et al., 2018).

Os trechos posteriores ao citado acima “Só mesmo, rejeita / Bem conhecida receita / Quem não sem dores / Aceita que tudo deve mudar / Que um homem não te define / Sua casa não te define / Sua carne não te define / Você é seu próprio lar / Ela desatinou, desatou nós / Vai viver só” podem ser associados com a fala de Gonçalves (2014) sobre o discurso hegemônico do homem que, muitas vezes, não são percebidos, mas que contribuem para a cristalização da mulher ao papel de mãe e esposa, e a mudança que o feminismo preza na busca por discursos que quebrem com essa cristalização e com padrões que lhe foram impostos.

Nos trechos “Eu não me vejo na palavra / Fêmea, alvo de caça / Conformada vítima / Prefiro queimar o mapa / Traçar de novo a estrada / Ver cores nas cinzas / E a vida reinventar” vemos

claramente a saída da mulher do lugar de submissão que foi muito pontuada por Rubin (1993) no sistema de parentesco, no qual a mulher é o objeto de troca no casamento e essa troca de presentes simboliza a transformação final da mulher em objeto de posse dos homens, pai, irmão e marido.

Por fim, devemos frisar que o objetivo da composição dessa música é simplesmente dar voz às mulheres, para que não aceitem os padrões sociais impostos sobre elas e não se definam a partir disso, pois sabe-se que a mulher desde os primórdios sempre foi forçada a ocupar um lugar de inferioridade em relação aos homens, o que resultou em um tratamento diferente da figura feminina na sociedade. Durante muito tempo as mulheres seguiram em uma narrativa criada por terceiros, seu corpo era visto apenas como objeto sexual e/ou como alguém que tinha por única função servir seus maridos e famílias. E, por mais que as mulheres fossem totalmente rebaixadas a tais níveis, essas não poderiam expressar suas opiniões ou até mesmo fazer questionamentos, apenas calar-se e realizar todas as demandas direcionada a elas. Assim, podemos ver que o gênero e sua função de segregação, obtém um poder significativo na vida das mulheres, o que acaba amordaçando seus corpos através do machismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo buscamos abordar os diferentes cenários vividos pela mulher na sociedade. Cenários esses, muitas vezes, de submissão, opressão e objetificação, mas também de mudança, reivindicação e revolução. Como tratado neste artigo, a figura feminina travou várias lutas de muito sofrimento durante um longo período para que sua existência não se resumisse ao papel de servir, ao passo que imposições de um movimento machista ganhavam autoridade sobre seu corpo.

Como representações desses diferentes momentos, apresentamos os estudos de Foucault (1988) e de Rubin (1993), que abordam em seus estudos as histórias das mulheres, discutindo sua opressão, sendo colocada no lugar de inferioridade e passividade, posteriormente buscamos uma representação que explicasse o momento de rompimento da mulher com todos os enquadramentos sociais, que se deu na canção “Triste, Louca ou Má”, que conta a história de desligamento de uma mulher que foi idealizada e construída durante a história para que não fosse ouvida e, tão menos, digna de uma vida livre de padrões e regras, e passando a ser aquela desprendida das amarras que por muito tempo lhe impuseram como algo “natural” de sua existência.

A música “Triste, Louca ou Má” é mais um feito do movimento feminista e por apresentar a ideia de que uma mulher pode ser da forma que desejar ser, acaba causando uma resistência naquelas que naturalizaram como única forma de existência a mulher mãe, esposa e do lar. O movimento de se contrapor às regras sobre a figura feminina está sujeito a ser entendido de forma equivocada. A história contada na música pode ser entendida, a partir de determinados pontos de vistas, como mais uma imposição de regras, pois a ideia que pode se criar é que a mulher ser mãe e do lar é errado, é como se isso a fizesse uma figura inferior e que esse papel não lhe cabe, quando na verdade, a música aborda justamente a mulher livre, com possibilidade de escolher sobre ser mãe e do lar ou não.

Dessa forma, a música não se trata de um único padrão de comportamento aceito pelo feminismo, mas de uma busca por mulheres libertas. Isso se deve muito ao movimento feminista, mas todos os ganhos e conquistas são importantes tanto para mulheres que se reconhecem como feminista quanto para aquelas que não se reconhecem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*. v. 17, n. 2, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200004>.

BORISL, G. D. J. B.; CESÍDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, v. 7, n. 2, Fortaleza, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012>.

BORSA, J. C.; FEIL, C. F. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. *Psicologia. pt: o portal dos psicólogos*, 2008. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0419>.

CARVALHO, D. S. A representação da mulher na mídia: questões de gênero e poder. Brasília: UNICEUB, nov. 2015. <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/7738>>.

DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA. Scottini, Blumenau: Todolivre Editora, 2017.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: A vontade de saber. ed. 13ª. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREITAS, V. P. V. de et al. Triste, Louca ou Má: Uma análise da música de Francisco, El Hombre sob o olhar histórico de Simone de Beauvoir. XII CONAGES. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/42220>>.

GONÇALVES, A. A. F. De oprimida e explorada a liberta e autônoma: o

empoderamento feminino desvendado pelo universo da mulher longeva. Programa de estudo Pós-Graduados em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17066/1/Aurora%20Aparecida%20Fernandes%20Goncalves.pdf>>.

HOMBRE, F. El. Triste, Louca ou Má. jul. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>>.

RUBIN, G. O tráfico de mulheres: notas sobre a “Economia Política” do Sexo. Recife: Editora SOS Corpo, 1993.